

Recolhido a um hall de hotel paulistano, sorridente, os cabelos ligeiramente des-penteados, de simpáticas e sofridas feições, Vidadhar Surajprasad Naipaul não parece ser o monstro de severidade descrito por críticos literários de todo o mundo. Está escrito na revista *The New Yorker*, 23 de maio de 1994: o senhor V.S. Naipaul, Vidia para os amigos, o maior escritor vivo de língua inglesa, fez muitos pobres jornalistas chegarem às lágrimas. Não porque os emocionasse com suas histórias, plenas de frieza. Os jornalistas choraram, é certo, porque lhe tinham horror. Um horror inexplicável para a repórter que conversa com ele sobre seu novo livro, *Um Caminho no Mundo*, ao meio-dia de quarta-feira. Livro e autor não têm a arrogância prometida. Nem o mau humor. Nem o ricto, tempero da prepotência.

Eis, portanto, revelado o enigma de Naipaul: ele transpira civilidade como poucos civis. Fala sobre os mistérios da História com a clareza de raros pregadores. É gentil e paciente como dificilmente saberiam sê-lo os rotuladores de etiqueta que se passam por amigos dos artistas.

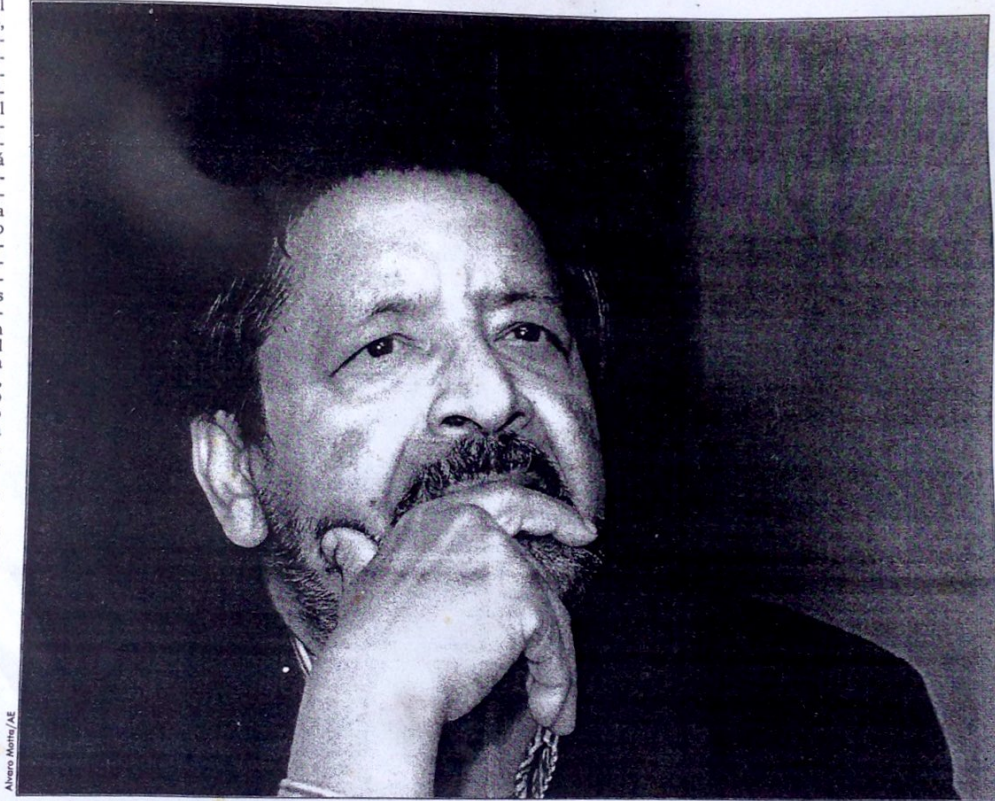
Aos 62 anos, o autor de *Guer-*

AS NARRATIVAS, OS PLOTS, SÃO ARTIFICIAIS. DESTROEM A VERDADE. QUE O CINEMA E A TELEVISÃO CUIDEM DELES.

rilheiros não tem por que mentir. Em São Paulo desde a última quinta-feira, deu-lhe um veredito: "É uma cidade terrível". Gastou horas preciosas num trânsito impensável. Cheirou todos os poluentes, mas, acredite ou não, julgou nossos homens limpos. Os habitantes da cidade cultivam uma poderosa vida interior, são educados e inteligentes, ele acredita, como forma de compensar os terríveis males que mancham seus olhos e ouvidos.

Em *Um Caminho no Mundo*, Naipaul evoca idéias luminosas para aqueles que, a julgar pelos desenvolvidos, têm sotaque em lugar de língua. Em nove relatos, apresentados num formato que mescla ficção, História e ensaio, narra seu amadurecimento como escritor. O livro, que lhe consumiu dois anos de escrita, é inicialmente árido, posteriormente difícil e, ao final, salpicado de deslumbre. "Eu trabalho com a imaginação. Coloco o leitor frente à realidade de um novo mundo", diz Naipaul.

Por realidade, não entenda o leitor histórias. Jamais. Quem fez *O Enigma da Chegada* não se en-



Naipaul: "Eu trabalho com a imaginação. Coloco o leitor frente à realidade de um novo mundo".

O enigma do senhor Naipaul

EM SÃO PAULO, O ESCRITOR FALA SOBRE SEU NOVO LIVRO, "UM CAMINHO NO MUNDO".

canta com plots, narrativas mirabolantes, suspense e climax. "São recursos artificiais. Destroem a verdade. Eu deixo que o cinema e a televisão fiquem com eles." Em *Um Caminho no Mundo*, os personagens são maravilhosos: um agente funerário que faz cobertura de bolos; um revolucionário caribenho que cultiva a sociedade de Manhattan; o aventureiro inglês Walter Raleigh em busca do Eldorado; o delirante Francisco Miranda em sua tentativa de libertar a América do Sul dos europeus. O narrador é Naipaul ou não é ele, entenda como quiser. Mas não se engane. Este narrador sabe construir e destruir seus personagens com a habilidade de um deus. Não vemos como seu



Um Homem no Mundo, o livro.

poder funciona. Mas sabemos, se nele cremos, que ele ali está. Todos os homens de Naipaul

são reais. Vítimas reais. "A idéia do herói é antiga. Não acredito nela. Acredito no conhecimento." Os estágios do conhecimento são a chave deste romance a que o escritor atribui um caráter de sùmula. Depois de 40 anos de trabalho, Naipaul crê que tem pouco mais a fazer. Diz mesmo que parte feliz depois deste livro. Como um folião arreído que espera a morte na Quarta-Feira de Cinzas.

Não que Naipaul preze o Carnaval. No meio dos confetes, ele detecta um fenômeno: histeria. O estresse de contentamento pode ser mau caminho para um escritor: "Com atrevimento eu principara a ver que a comididade, que se tornara o dom da minha escri-

ta, a habilidade de fazer duas ou três graças a cada página, o agradecer, minha dupla herança do ambiente de Trinidad, conquanto boa, conquanto elucidativa,

COMÉDIA E CRUELDADE SE COMPLETAM. A FELICIDADE TEM UM COMPONENTE DE HISTERIA.

era também um modo de fazer as pazes com um mundo duro; estava próxima da histeria", diz ele, à página 91 de seu grande livro.

Sim, Naipaul já foi engraçado. E descobriu, com o tempo, que essa era a forma mais à mão de lutar contra a opressão numa arrasada ilha do Caribe.

Um mundo piadista. "Comédia e crueldade se completam", ele afirma. No dia em que conhecer melhor o Brasil, Naipaul saberá que em maio deste ano, uma semana depois de um choro convulsivo pela morte do tricampeão de Fórmula 1 Ayrton Senna, o brasileiro já produzia piadas frenéticas sobre a tragédia.

Diz Naipaul: "A felicidade das pessoas tem um componente de histeria em Trinidad, na África e, pelo que você me conta, também no Brasil."

ESSAS PESSOAS ME CHAMAM DE RACISTA E NÃO DIZEM POR QUÊ. QUERO QUE DIGAM.

Um Caminho no Mundo reconcilia a história à literatura do mais elevado nível. Naipaul não se encanta com a sucessão de acontecimentos. Seu objetivo é quebrar o espelho dos fatos na mente de seus protagonistas. "Proponho ao leitor uma viagem completa em direção à história, ao aprendizado. Meu trabalho é uma seqüência, não um ajuntamento de pedaços."

Naipaul lembra que seu método ficcional, aliado à evidência histórica, não é novo. Pelo que sabe, inaugurou-o em 1944 o diretor inglês Laurence Olivier, em *Henrique V*. Quando Olivier inicia o filme, seu Henrique V está no palco. O rei é um ator. No decorrer da trama, ele se transforma num ser real. E, ao final do filme, volta a ser o ator em seu palco. É um bom truque. "Em meu livro, a realidade não é representada como fato, mas como algo teatral. Meus personagens de fato foram o que eu digo que foram. Mas são também uma criação exclusivamente minha."

Por sua grandeza, por seu rigor, V.S. Naipaul merece que lhe rendam louros. Não, certamente, as acusações de racismo que jovens escritores dirigem a seu trabalho. "Essas pessoas me chamam de racista e não dizem por quê. Quero que digam." Vidia adoraria ver as linhas acusadoras. Ele, um escritor severo. Um escritor gentil.

Rosane Pavam

UM DIA NO MUNDO. De V.S. Naipaul. Companhia das Letras. R\$ 19,00. O autor fará leitura de suas obras hoje, às 20h, na Cultura Inglesa (r. Deputado Lacerda Franco, 333). No sábado, às 17h, autografará seu livro no estande 91 da Bienal.